

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Flávia da Costa Ávila

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS
INFANTIS.**

Porto Alegre

2019

Flávia da Costa Ávila

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO UMA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS
INFANTIS.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lisiane Torres

Porto Alegre

2019

Flávia da Costa Ávila

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS INFANTIS.**

Conceito final:

Aprovado em: dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. PhD Nádia Cristina Valentini - UFRGS

Orientador – Prof.^a. Dr.^a. Lisiane Torres - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Lisiane, por todas as oportunidades de aprendizado, por todos os questionamentos e reflexões e pela parceria de grande parte da minha graduação. Tens todo o meu respeito e minha admiração.

Agradeço à minha melhor amiga, ao meu exemplo de mulher guerreira, à minha mãe, Lisete, por todo seu amor e por nossa cumplicidade. Obrigada mãezinha! Agradeço também ao meu padrasto, Roberto, pelos valores ensinados e por ter me acolhido de alma.

Agradeço ao meu irmão, Vinícius, por ser um exemplo de ser humano, à quem sempre me espelhei. Obrigada por todos os ensinamentos.

Agradeço à todos os colegas, os quais, tive a oportunidade de aprender e aos amigos que fiz e tenho a sorte de tê-los na vida. Gratidão imensa por todos os momentos. Agradeço também à todos os professores da graduação, que são as “peças” essenciais para a nossa formação.

Agradeço a duas grandes amigas que fiz durante essa caminhada, Marlene e Vanine. Duas profissionais incríveis que me motivaram e me enriqueceram de experiências e conhecimentos. Obrigada pelo carinho que tiveram comigo. Agradeço também à todos as outras pessoas com quem tive a oportunidade de trabalhar, com certeza levarei comigo todos os aprendizados.

Agradeço, em especial, ao meu companheiro, meu amigo, meu parceiro e meu amor, Otávio. Por me incentivar todos os dias a ser melhor e por me fazer acreditar que eu sou capaz de tudo o que eu quiser. Obrigada por nunca me deixar desistir e principalmente por sempre acreditar em mim. Agradeço também à minha sogra, Maristela, por todos os doces nas horas de estresse e ansiedade, e por toda a sua doçura em cuidar de mim.

Dedico esse trabalho à todos vocês!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

RESUMO

Educação Física na Educação Infantil: Relato de uma proposta de intervenção a partir do contexto das histórias infantis.

Autora: Flávia da Costa Ávila

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lisiane Torres

Na Educação Infantil, as crianças querem explorar os potenciais motores dos seus corpos à medida que se movimentam pelo espaço. A imaginação, a representatividade e o brincar, principalmente o brincar de faz-de-conta, são alguns dos aspectos principais para o desenvolvimento integral da criança, nessa faixa etária; e as histórias infantis são um importante recurso de conexão com o imaginário das crianças. A partir da elaboração de um programa de Educação Física com aulas planejadas com o contexto de histórias infantis, este trabalho tem por objetivos: a) expressar os principais desafios e êxitos alcançados no exercício da docência da Educação Física e b) descrever os comportamentos sociais e engajamento das crianças nas aulas de Educação Física. Trata-se de um Relato de Experiência de Caso Situacional, de delineamento descritivo exploratório (GAYA & GAYA, 2018), realizado por meio de Estágio Curricular Não Obrigatório, com uma turma de Jardim B, com crianças entre 5 anos e 5 anos e 11 meses, da Creche Vera Fabrício Carvalho do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, no período de abril a junho de 2018, totalizando 12 aulas realizadas. A impossibilidade da realização de reunião semanal com as educadoras que atuam na turma e a resistência de uma delas para colaborar com a realização desse trabalho foram os principais desafios encontrados na realização desse estudo. Dentre os êxitos alcançados estão o trabalho integrado realizado com a outra docente da turma, que sempre apresentou atitudes colaborativas e a participação ativa das crianças durante as aulas realizadas. O engajamento das crianças foi bastante efetivo, situações de conflitos entre as crianças e atitudes desafiadoras em relação à professora foram raramente observadas.

Palavras-chave: educação física na educação infantil; programa de intervenção; histórias infantis.

ABSTRACT

Physical Education in Early Childhood Education: a proposal for intervention from the context of children's stories.

Author: Flávia da Costa Ávila

Advisor: Prof.^a Dr.^a Lisiane Torres

In Early Childhood Education, children want to explore the potential engines of their bodies as they move through space. Imagination, representativeness and play, especially play pretending, are some of the main aspects for the integral development of the child, in this age group; and children's stories are an important resource for connecting children's imaginations. The objectives of this work are: a) to express the main challenges and successes achieved in the exercise of teaching Physical Education and b) to describe the social behaviors and engagement of children in Physical Education classes. This is a Situational Case Report of an Exploratory Descriptive Design (GAYA & GAYA, 2018), carried out through a Non-Mandatory Curricular Internship, with a group of Jardim B, with children between 5 years and 5 years and 11 months, from the Vera Fabrício Carvalho Nursery of the Hospital of Clinics of Porto Alegre, from April to June 2018, totaling 12 classes. The impossibility of having a weekly meeting with the educators who work in the class and the resistance of one of them to collaborate with the accomplishment of this work were the main challenges found in the accomplishment of this study. Among the successes achieved are the integrated work done with the other teacher in the class, who always presented collaborative attitudes and the active participation of the children during the classes. Child engagement was very effective, conflict situations among children and challenging attitudes toward the teacher were rarely observed.

Keywords: physical education in children's education; intervention program; children's stories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 ASPECTOS PRINCIPAIS DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DE 5 À 6 ANOS.	12
2.2 AS HISTÓRIAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
3.1 PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA	22
3.2 DESCRIÇÕES DO CONTEXTO	22
3.3 MÉTODO E ABORDAGEM	26
3.4 PROCEDIMENTOS	26
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	26
3.6 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	27
4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	28
5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS INFANTIS	29
5.1 SÍNTESE DAS HISTÓRIAS INFANTIS UTILIZADAS E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA REALIZADAS	29
5.2 PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS E ÊXITOS OBTIDOS NO EXERCÍCIO DA AÇÃO DOCENTE	39
5.2 O ENGAJAMENTO E O COMPORTAMENTO SOCIAL DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Ministrar aulas de Educação Física para crianças com idades entre cinco e cinco anos e onze meses se constitui em um grande desafio, tendo em vista que as crianças dessa faixa etária estão começando a descentrar e se perceber em relação aos outros, aumentando a sua curiosidade e o imaginário torna-se característica marcante nesse período. Portanto é essencial um contexto lúdico para o desenvolvimento das propostas pedagógicas para que as crianças possam ter a oportunidade de criarem e recriarem sua realidade de maneira prazerosa e desenvolvam outras visões sobre o mundo, assim apropriando-se da própria cultura.

O processo formativo da Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança contempla algumas disciplinas que fornecem subsídios iniciais para o planejamento de intervenções com crianças de Educação Infantil. O estágio obrigatório neste nível de ensino, possibilita aos estudantes desse curso ministrar aulas com crianças de um a cinco anos de idade. No meu caso, a experiência foi com crianças de quatro anos de idade da creche Vera Fabrício Carvalho, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Quando assumi o estágio não-obrigatório nesse mesmo local, tive a oportunidade de ministrar aulas para todas as turmas de seis meses aos cinco anos de idade.

Dentre os desafios que podemos encontrar ao iniciar um trabalho com essa faixa etária, temos o engajamento das mesmas nas atividades. Tendo em vista que a criança pequena tem uma grande necessidade de exploração e de se movimentar, manter o foco delas nas atividades propostas se torna um grande desafio. As histórias infantis estando presente na rotina das mesmas, auxilia no desenvolvimento do imaginário infantil e torna-se uma grande ferramenta pedagógica para o encantamento e o envolvimento dos alunos.

Propor aulas de educação física com o contexto das histórias infantis, traz uma abordagem lúdica que enriquece a prática pedagógica e possibilita que a criança possa sentir e se expressar, criar e recriar sua realidade, construir novas visões, auxiliando no processo de identificação com o mundo, de maneira mais prazerosa facilitando a assimilação dos saberes.

A Educação Física na Educação Infantil, tem grande contribuição para que as crianças se desenvolvam como um todo. Para Basei (2008, p.5),

cada criança possui inúmeras maneiras de pensar, de jogar, de brincar, de falar, de escutar e de se movimentar. Por meio destas diferentes linguagens é que se expressam no seu cotidiano, no seu convívio familiar e social, construindo sua cultura e identidade infantil. A criança se expressa com seu corpo, através do movimento. O corpo possibilita à criança apreender e explorar o mundo, estabelecendo relações com os outros e com o meio. Portanto, através das aulas de Educação Física, a criança tem a oportunidade de vivenciar diversas experiências, através do movimento, que contribuirá para seu desenvolvimento integral.

Para que a criança fique motivada a participar das atividades, a ludicidade é essencial. Segundo Lira (2014, p.1),

A maneira lúdica de aprender na educação infantil é de extrema importância, pois leva o aluno a sensações e emoções fundamentais para o seu desenvolvimento. Afinal, brincando a criança forma sua personalidade e aprende a lidar com o mundo. Assim, pelo fato da brincadeira estar intrinsecamente ligada ao desenvolvimento infantil, também deve estar inserida no contexto escolar com o objetivo de auxiliar o processo de aprendizagem.

A utilização das histórias infantis é uma estratégia possível para agregar a ludicidade nas atividades propostas nas aulas de Educação Física. De acordo com Souza (2011, p.237):

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a auto expressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem.

A partir da elaboração de um programa de Educação Física com aulas planejadas com o contexto de histórias infantis, este trabalho tem por objetivos: a) expressar as dificuldades e êxitos alcançados no exercício da docência da Educação Física; e b) descrever os comportamentos sociais e engajamento das crianças nas aulas de Educação Física.

Este trabalho, portanto, é o registro da minha experiência no desenvolvimento de aulas de Educação Física elaboradas a partir do contexto de histórias infantis. Na revisão de literatura, apresento algumas ideias principais

relativas ao desenvolvimento das crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos que nortearam meu planejamento. Posteriormente apresento os procedimentos metodológicos e éticos realizados para o desenvolvimento desse trabalho. No capítulo “A Prática Pedagógica da Educação Física a partir das Histórias Infantis” as categorias de análise elencadas referentes ao exercício dessa docência a partir das reflexões registradas nos meus diários de cada aula ministrada. Nas Considerações Finais apresento os aspectos mais relevantes dessa experiência docente.

Tendo em vista que relatos de experiência de Educação Física na Educação Infantil ainda são escassos, pretendo com esse trabalho incentivar a reflexão e discussão desse componente curricular nesse nível de ensino.

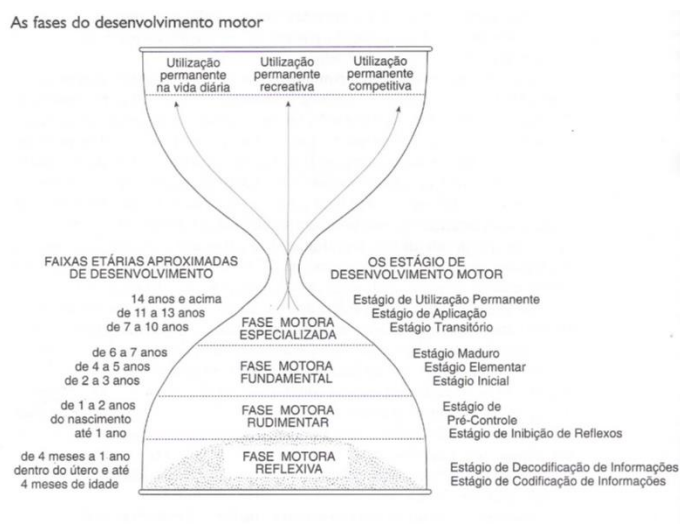
2 REVISÃO DE LITERATURA

Quais as características desenvolvimentistas de crianças na faixa etária de 5 à 6 anos? Qual a função das brincadeiras e das histórias infantis nessa faixa etária? Esses questionamentos nortearam essa revisão de literatura.

2.1 ASPECTOS PRINCIPAIS DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DE 5 À 6 ANOS.

Na infância, as crianças querem explorar os potenciais motores dos seus corpos à medida que se movimentam pelo espaço. Elas estão envolvidas em um processo de desenvolvimento e refinamento das habilidades motoras fundamentais para grande variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos, sendo assim, é importante que elas participem de muitas experiências planejadas para proporcionar o conhecimento do corpo e seu potencial para o movimento.

No que se refere ao desenvolvimento motor, Gallahue (2001), é um dos autores de referência. Ele desenvolveu um modelo – a ampulheta heurística – para descrever as fases e estágios de desenvolvimento motor, que se desenvolve a partir de contribuições da hereditariedade e do ambiente onde a criança está inserida:



Fonte: Gallahue, D. e Ozmun, J. *Compreendendo o desenvolvimento motor*. São Paulo: Phorte, 2001.

De acordo com Gallahue (*Op. Cit.*), as crianças com a faixa etária dos dois aos sete anos estão na fase motora fundamental. Nessa fase, as crianças estão construindo um conjunto de habilidades motoras fundamentais (correr, saltar, arremessar, receber, chutar, entre outras). Segundo o autor (p.103), “as crianças que estão desenvolvendo padrões fundamentais de movimento estão aprendendo a reagir com controle motor e competência motora a vários estímulos”. Cada habilidade motora é dominada pela criança, inicialmente, de forma isolada. Gradualmente, a criança se torna capaz de combinar as habilidades motoras nos movimentos que executa.

O domínio das habilidades motoras fundamentais é a base para a aprendizagem das habilidades motoras mais complexas.

As crianças de 5 anos e 5 anos e 11 meses, a princípio, encontram-se no estágio elementar de desenvolvimento motor, caracterizado pelo desenvolvimento de um maior controle e melhor coordenação rítmica dos movimentos em comparação ao estágio anterior (estágio inicial). Os elementos temporais e espaciais dos movimentos são aprimorados. As oportunidades para a prática das habilidades, o encorajamento e instrução qualificados são fundamentais para que as crianças alcancem o próximo estágio (estágio maduro) de desenvolvimento motor.

O aprendizado é um processo interno que produz alterações consistentes no comportamento individual em decorrência da interação da experiência, da educação e do treinamento com processos biológicos. Sua construção tem fortes vínculos com o estado de desenvolvimento de um indivíduo, relacionando-se diretamente com a prática, ou seja, o aprendizado é um fenômeno no qual a experiência é pré-requisito. (Gallahue, *Op. Cit.*, p. 21)

Miller (apud Gallahue 2001, p. 263) pesquisou a facilidade do aprendizado de habilidades motoras fundamentais em crianças de três à cinco anos de idade e descobriu que programas de instrução podem aumentar o desenvolvimento de padrões motores fundamentais, além do nível atingido, somente pela maturação.

Gallahue (*Op. Cit.*) destaca que o modelo da ampulheta ilustra a concepção de que o desenvolvimento motor é um processo descontínuo em um sistema auto organizado. Descontínuo porque um indivíduo pode estar em um estágio maduro nas atividades manipulativas e estar em um estágio elementar

nas atividades de estabilizadoras e locomotivas. Além disso, um indivíduo pode estar em estágios diferentes de desenvolvimento na mesma habilidade (por exemplo: na execução de um arremesso, uma criança pode estar no estágio inicial em sua ação do tronco, no elementar em sua ação do braço e no estágio maduro em sua ação da perna. Portanto, esse processo descontínuo de desenvolvimento, ocorre num sistema auto organizado, onde há interação entre as áreas cognitiva, afetiva e motora.

Em relação à área cognitiva, de acordo com Piaget, as crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses encontram-se no estágio pré-operacional. Este estágio abrange o período etário de 2 a 7 anos e é assim denominado porque a criança ainda não é capaz de manipular os objetos mentalmente e apoia-se na atividade física para fazê-lo. (GALLAHUE (*Op. Cit.*); PAPALIA (2013); HELLEN BE (1996)).

O desenvolvimento da função simbólica é uma característica marcante do estágio pré-operacional. Essa função possibilita que a criança utilize símbolos para representar pessoas, objetos e lugares e é identificada quando a criança demonstra imitação diferida (mecanismo através do qual a criança vê algo, forma o símbolo mental e mais tarde, imita a atividade), a atividade lúdica simbólica (a criança faz com que um objeto represente alguma outra coisa) e o desenvolvimento da linguagem. No período entre 2 e 7 anos, o pensamento simbólico ou capacidade representacional, se expande.

Na faixa etária entre 5 anos e 5 anos e 11 meses, as brincadeiras imaginárias são importantes ferramentas para o aprendizado, pois as crianças demonstram a função simbólica por meio do aumento da imaginação e de brincadeiras de faz-de-conta, elas não precisam mais de um estímulo sensorial para pensar em algo.

Juntamente com essa expansão da capacidade de representatividade, as crianças, nessa faixa etária, melhoram também a atenção, a rapidez e eficiência com que processam as informações. Segundo Papalia (*Op. Cit.*, p. 268), à medida que as crianças se desenvolvem, sua capacidade de prestar atenção seletivamente aos estímulos, de ignorar informação irrelevante e de desviar sua atenção quando necessário melhora dramaticamente.

Outra característica marcante do estágio pré-operacional é o egocentrismo: a criança percebe o mundo a partir do seu ponto de vista, ela não tem ainda condições cognitivas de se colocar no lugar do outro.

De acordo com Kamii (2009), a partir dos 5 anos a criança começa a se descentrar e a se perceber em relação aos outros. Quando está descentrada, a criança começa a comparar seu desempenho com o desempenho das outras crianças e, no contexto de um jogo, conseguem coordenar as intenções dos diferentes jogadores. A comparação de desempenhos é condição necessária para a competição. O que muitas vezes ocorre, em turmas de Jardim B nas escolas infantis, é que algumas crianças já estão descentradas e competindo, enquanto outras permanecem egocêntricas.

No que se refere aos aspectos psicossociais, de acordo com Erikson, a criança na faixa etária entre 3 e 5 anos encontra-se no estágio “Iniciativa X Culpa”. Ela está cheia de energia e ávida para experimentar coisas novas, o que a leva a ter muitas iniciativas; e também desenvolve sentimento de culpa e de ansiedade pelas coisas que desejam fazer. As experiências de jogos e brincadeiras bem sucedidas contribuem para o sentido de iniciativa, enquanto que as experiências fracassadas promovem sentimentos de dúvida e vergonha. A conscientização das diferenças sexuais e de gênero também se desenvolvem nesse estágio. (GALLAHUE (*Op. Cit.*); PAPALIA (*Op. Cit.*); HELLEN BE (*Op. Cit.*)).

Autores que estudam desenvolvimento infantil sempre destacam a importância do brincar para o desenvolvimento da criança na infância.

Para Gallahue (*Op. Cit.*) as brincadeiras são o modo básico pelo qual elas tomam consciência de seus corpos e de suas capacidades motoras, além disso, servem também como facilitadoras do crescimento cognitivo e afetivo, bem como desenvolver as habilidades motoras.

Nas palavras do autor (p.237), “as brincadeiras servem como meios vitais, pelos quais as estruturas cognitivas superiores são gradualmente desenvolvidas, pois englobam muitos ambientes e variáveis para promover o crescimento cognitivo.”

Segundo Gallahue (*Op. Cit.*), no início da infância a criança está envolvida em duas tarefas socioemocionais que são extremamente importantes de desenvolver, que são o sentido da autonomia, sua independência, e o sentido de iniciativa, sua curiosidade.

. Papalia (*Op. Cit.*, p. 296), também se dedica a falar sobre a importância do brincar. A autora afirma que,

o brincar contribui para todos os domínios do desenvolvimento. Por meio dele, as crianças estimulam os sentidos, exercitam os músculos, coordenam a visão com o movimento, obtêm domínio de seus corpos, tomam decisões e adquirem novas habilidades.

A ludicidade voltou aos campos de pesquisa e tem sido muito utilizada, principalmente na educação infantil. Santos J. (2012, p.3), quando fala da ludicidade a fundamenta em quatro eixos,

Sociológico, porque atividade de cunho lúdico engloba demanda social e cultural. Psicológico porque se relaciona com os processos de desenvolvimento e de aprendizagem do ser humano em qualquer idade em que se encontre. Pedagógico por que se serve tanto da fundação teórica existente, como as experiências educativas provenientes da prática docente. Epistemológico por que tem fontes de conhecimentos científicos que sustentam o jogo como fator de desenvolvimento.

Na educação infantil, o brincar é tido como ferramenta essencial de aprendizagem, pois auxilia no processo de desenvolvimento integral da criança. Segundo Matos (2013, p.136),

O brincar, representa um campo de possibilidades na educação da criança, tendo também o poder sobre ela de promover tanto a evolução de sua personalidade como a melhoria de cada uma de suas funções psicológicas, cognitivas e éticas. Este é um dos meios de ludicidade que facilita a assimilação de saberes, promovem momentos de interação entre as crianças e faz a aprendizagem ficar prazerosa.

O brincar de imaginar, o faz-de-conta e a ludicidade abrem portas para um novo mundo, para novas emoções e para novas possibilidades. A criança consegue criar ou recriar situações do seu dia a dia com outros olhares e com novas soluções. Isso faz com que ela aprenda a resolver problemas de maneiras diferentes, com outras visões e, além disso, aprende valores, começando a se apropriar da sua própria cultura.

Segundo Pimentel (2008, p.117),

O exercício da ludicidade vai além do desenvolvimento real porque nela se instaura um campo de aprendizagem propício à formação de

imagens, à conduta autorregulada, à criação de soluções e avanços nos processos de significação. Na brincadeira são empreendidas ações coordenadas e organizadas, dirigidas a um fim e, por isso, antecipatórias, favorecendo um funcionamento intelectual que leva à consolidação do pensamento abstrato. A força motriz da ludicidade, o que a faz tão importante no complexo processo de apropriação de conhecimentos é a combinação paradoxal de liberdade e controle. Ao mesmo tempo em que os horizontes se ampliam conforme os rumos da imaginação, o cenário lúdico se emoldura segundo limites que os próprios jogadores se impõem, subordinando-se mutuamente às regras que conduzem a atividade lúdica.

A criança precisa de momentos que instiguem a sua imaginação, no qual, ela possa criar e recriar sua realidade. Experiências que possibilitem vivenciar e aprender valores como cooperação, respeito, iniciativa e tomada de decisão. Possibilitar que ela possa sentir, se expressar e socializar facilita na construção do conhecimento.

A ludicidade torna-se uma ferramenta cheia de possibilidades para os professores, na qual, além de desenvolver atividades que sejam divertidas e prazerosas, auxilia na formação de cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, aproxima e enriquece a relação professor-aluno.

Visto que, a imaginação, a representatividade e o brincar, principalmente o brincar de faz-de-conta, são alguns dos aspectos principais para o desenvolvimento integral da criança, nessa faixa etária, considera-se de extrema importância desenvolver as aulas de Educação Física através de uma abordagem lúdica que estimule esse “mundo mágico” infantil.

As histórias infantis são um importante recurso de conexão com o imaginário das crianças e, tendo em vista que as aulas de Educação Física desenvolvidas neste trabalho tiveram como pano de fundo essas histórias, a seguir, são apresentadas as ideias de alguns autores sobre essa temática.

2.2 AS HISTÓRIAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As histórias se fazem presente na vida do ser humano desde à antiguidade. Para Lourenção (2016), Pereira (2017), Souza (*Op. Cit.*) e Silva (2013), elas começaram como uma maneira de disseminar e preservar a cultura, e também como momento de lazer. Nas palavras de Pereira (*Op. Cit.*, p. 937),

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente, durante muitos séculos os homens sentavam ao redor das fogueiras para contar e ouvir histórias remete ao tempo em que confiavam na sua memória e nas experiências, no qual crianças, jovens e adultos ouviam histórias

contadas por sábios e comunicativos feiticeiros que detinham a sabedoria a ser passada para essas gerações.

Para Souza (*Op. Cit.*) e Silva (*Op. Cit.*), a contação de histórias era vista como uma atividade inferior à escrita, destinadas aos simplórios, aqueles que não sabiam ler e nem escrever, porém também se tinha como objetivo disseminar costumes e a cultura local. Tendo em vista que, além de entreter, a contação de histórias também chamava a atenção das pessoas e causava admiração, essa atividade passou a ser valorizada e o contador de histórias virou o centro das atenções.

Por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular. Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas – e, com essa, surgiram tanto a história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginados (ficção). A literatura infantil nasce dos contos populares por isso a contação de histórias é a origem da literatura. (SOUZA, *Op. Cit.*, p. 237)

Lourenção (*Op. Cit.*), Mateus (2013), Souza (*Op. Cit.*) e Silva (*Op. Cit.*) afirmam que o ato de contar histórias sempre foi um meio de transmitir valores, e que a contação de histórias é fundamental para o mesmo. Na visão de Mateus (*Op. Cit.*), além dos valores, transmite conhecimentos e sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, o ato de contar histórias se tornou uma ferramenta pedagógica importante na sala de aula. Além do lúdico, da imaginação e dos valores, as histórias abordam uma diversidade de temas, o que torna possível trabalhar desde as emoções e os aspectos sociais, até a diversidade cultural e sua identificação com a própria cultura.

Segundo Souza (*Op. Cit.*, p. 236),

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

As crianças, na educação infantil, atraem-se por tudo o que há de inesperado, pois elas estão descobrindo o mundo e os milhares de sentimentos

que elas podem experienciar. Para lidar com essas descobertas das emoções, a contação de histórias é uma das ferramentas indicadas, pois abordam temas diversos e auxiliam no processo de identificação com o mundo.

Ainda nas palavras de Souza (*Op. Cit.*, p. 240, p.237),

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente. [...] A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil.

A literatura infantil, também é fundamental para o desenvolvimento social das crianças, pois ao desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa, ela incorpora as histórias e traz para seu contexto social. Segundo Pereira (*Op. Cit.*), a criança se desenvolve e estabelece relações entre o pensamento e a realidade onde vive, por meio do imaginário infantil.

Vasconcelos (2005, p.4) também destaca a contribuição das histórias infantis na interação social da criança:

A iniciação à leitura de histórias infantis, nos primeiros anos de vida, possibilita o desenvolvimento de diferentes áreas que poderão resultar em uma criança observadora, reflexiva, crítica, sensível às necessidades do outro, capaz de expressar seus sentimentos e pensamentos, entre tantos outros benefícios. Ao brincar com livros, filmes e músicas a criança mantém contato com o mundo. O rico intercâmbio entre fantasia e realidade possibilita a compreensão dos vários aspectos do que lhe são apresentados e, sobretudo, expressar suas próprias opiniões, contribuindo para sua interação social.

De acordo com Mateus (*Op. Cit.*, p. 66),

A contação de histórias é uma prática cada vez mais presente na escola. Ora se desenvolve a partir do planejamento do professor, ora a escola recebe a visita de um contador, ora ela permeia os espaços culturais (como feiras do livro). O professor, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a literatura em sua aula. Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização.

Outros autores como Lourenção (*Op. Cit.*), Souza (*Op. Cit.*) e Silva (*Op. Cit.*), destacam a importância das técnicas e recursos necessários para fazer a narração, e relatam que nem todos os professores as utilizam.

Envolver e chamar a atenção das crianças para uma história, com um universo tecnológico à sua disposição, não é tarefa fácil, demanda de muita criatividade e disposição por parte dos professores.

Segundo Lourenção (*Op. Cit.*), contar história é uma arte que precisa de técnicas, criatividade, precisão, recursos visuais e um bom planejamento. De acordo com Pereira (*Op. Cit.*), é de extrema importância que o professor utilize recursos e saiba a diferença entre a contação de histórias e apenas ler uma obra. Se o professor estiver seguro e souber utilizar os diversos métodos e técnicas disponíveis, a criança estará se desenvolvendo de forma integral e ainda adquirindo o gosto pela literatura.

A imaginação fértil da criança promove a fantasia, com o olhar atento ela explora cada frase dita pelo contador e vive intensamente a mensagem trazida na história, isso facilita para que compreenda os novos sentimentos que estão sendo aflorados e analise as situações que estão acontecendo em sua vida. (LOURENÇÃO, *Op. Cit.*, p. 3)

Para Mateus (*Op. Cit.*), o uso dessas ferramentas incentiva não somente a imaginação, mas também a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

Segundo Silva (*Op. Cit.*, p. 62),

para entrar no mundo da criança é preciso usar de metáforas e as histórias podem ser o caminho, porque, ao ouvi-las, a criança sai do seu mundo real e entra num mundo do faz-de-conta, de fantasias. Ela consegue penetrar num mundo onde todas as coisas são possíveis. Ao narrar uma história, imediatamente o ouvinte ou mesmo o leitor afasta-se do seu mundo real. É esse distanciamento que proporciona a liberação de sentimentos e a externalização de seus medos, alegrias, desejos etc.

Souza (*Op. Cit.*) fala que no processo de ensino e aprendizagem os encantamentos que as narrativas criam, através da ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e a contação de histórias, várias aprendizagens acontecem, como a responsabilidade e a auto expressão. Esses estímulos fazem com que a criança construa e desenvolva seus conhecimentos sobre o mundo.

Sabe-se que as histórias são uma excelente ferramenta lúdica para a criança, Silva (*Op. Cit.*) destaca que elas servem como meio para várias

atividades como ciência, musicalização, matemática, linguagem oral e escrita, corpo e movimento, inclusive para o trabalho com temas transversais e projeto.

Simon (2014, p. 387) ressalta,

as temáticas de atividades que as crianças estão desenvolvendo com outros professores ou em projetos coletivos também podem ser uma fonte rica de contextos para as brincadeiras. A integração e interdisciplinaridade das atividades e temáticas são muito recomendadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Tendo em vista a importância das histórias infantis para o desenvolvimento integral da criança e o quão enriquecedora torna a prática pedagógica, considero importante mostrar através desse trabalho minha experiência com essa ferramenta.

Aproveitando o fato de que as educadoras responsáveis pela turma do Jardim B da Creche Vera Fabrício Carvalho contavam uma história por semana para essa turma, propus o desenvolvimento das aulas de Educação Física a partir do contexto das histórias contadas para as crianças. Avaliei que essa estratégia, além de propiciar uma integração com o planejamento desenvolvido em sala de aula pelas educadoras, poderia ser uma forma de desenvolver aulas de Educação Física variadas, como propõem Nista-Piccolo (2014, p.91):

Um professor criativo é aquele que busca variar seus encontros com as crianças, proporcionando sempre situações diferenciadas para elas vivenciarem. Variando o ambiente, os materiais, as músicas, os ritmos, as indumentárias e as combinações tanto de movimentos como de aparelhos. Além disso, proporcionando atividades a que as crianças possam atribuir significado, ou seja, atividades vinculadas ao mundo-vida dos seus alunos.

Nista-Piccolo (*Op. Cit.*) ainda ressaltam que um mesmo tema de aula pode ser experimentado por diferentes caminhos, podendo ser analisado, discutido, narrado, desenhado, explicado, representado e outras formas que o professor encontrar, permitindo que a criança vivencie o conhecimento por meio de várias manifestações de suas expressões.

Essas ideias nortearam o desenvolvimento do presente trabalho e os procedimentos metodológicos realizados são descritos a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA

O problema que desencadeou a proposta da realização deste estudo é o seguinte:

Um Programa de Educação Física elaborado a partir do contexto de histórias infantis facilitará o engajamento das crianças do Jardim B nas aulas deste componente curricular?

Elencamos as seguintes questões de pesquisa para a realização deste projeto:

Quais os principais desafios enfrentados na docência da Educação Física para turma do Jardim B?

Como se dará o engajamento e o comportamento social das crianças em aulas de Educação Física elaboradas a partir do contexto de histórias infantis?

3.2 DESCRIÇÕES DO CONTEXTO

A Creche Vera Fabrício Carvalho, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre - HCPA, é uma Seção pertencente ao Serviço de Administração de Pessoal, vinculada à Coordenadoria de Gestão de Pessoas e subordinada à Presidência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Iniciou suas atividades no ano de 1990 e seu horário de funcionamento é das 06h 30 min as 20 h .

Está localizada na Rua Ramiro Barcelos, nº 2350, Bairro Rio Branco, Porto Alegre, e oferece atendimento aos filhos de funcionários do HCPA, de 0 (zero) a 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses de idade, em horário parcial ou integral.

As instalações físicas da Creche, atualmente, contam com os seguintes espaços:

– Seis salas de aula, sendo três com banheiro para atendimento de crianças e em dois com trocador de fraldas;

– Cinco salas com saídas para o solário;

Nos espaços das salas de aula, são realizadas as atividades propostas nos projetos. Nelas constam espelhos e espaços amplos que permitem a criação

dos cantos temáticos onde a criança pode escolher com o brincar. Todas são climatizadas.

- Cinco banheiros infantis, sendo três com fraldários;
- Um lactário para preparo dos sucos, chás e mamadeiras;
- Uma copa para recebimento, preparação e distribuição de alimentos;
- Uma sala de apoio pedagógico com o objetivo de prestar atendimento aos pais e realização de reuniões;
- Uma sala lúdica onde ficam os livros infantis e o material de fantoches e teatro, os quais permanecem à disposição dos educadores para fazer uso em sala de aula, sendo também utilizada como sala de vídeo e como biblioteca pelos alunos;
- Um salão coberto, climatizado, equipado com brinquedos, onde se realizam atividades livres e dirigidas por estagiários de educação física e pelas educadoras de sala;
- Um pátio externo para atividades, com área de calçamento e arborizada, contando com balanços infantis;
- Uma praça cercada e equipada com brinquedos para uso exclusivo da Creche;
- Uma sala de descanso para funcionárias;
- Um banheiro para funcionárias, com dois sanitários e um chuveiro;
- Um banheiro para visitantes localizado na recepção;
- Uma sala para amamentação e refeição das crianças;
- Uma lavanderia, que dispõe de uma lavadora e secadora de roupas, para uso em caso de necessidade;
- Uma sala da chefia, localizada na entrada da Creche, com espaço para reuniões e atendimentos às famílias;

– Uma secretaria, localizada na entrada da Creche, com ramais disponíveis para atendimento às famílias e arquivos contendo as pastas com os dados dos alunos;

– Uma recepção, a qual conta com bancos e espaço livre para os pais/familiares aguardarem na entrega/retirada da criança da Creche, bem como para ser usada no período de adaptação da criança.

A creche atende, aproximadamente, 200 crianças, selecionadas através de edital, agrupadas em 6 turmas conforme a idade:

- Berçário (0 a 11 meses)
- Mini Maternal (1 ano a 1 ano e 11 meses)
- Maternal 1 (2 anos a 2 anos e 11 meses)
- Maternal 2 (3 anos a 3 anos e 11 meses)
- Jardim A (4 anos a 4 anos e 11 meses)
- Jardim B (5 anos a 5 anos e 11 meses)

A metodologia de ensino adotada está baseada na proposta sócio-interacionista, cujo objetivo é levar a criança a construir seu conhecimento através da exploração do seu corpo, dos objetos, do espaço onde está inserida e das relações com o outro

A avaliação é entendida como um processo contínuo que analisa o processo de desenvolvimento infantil de forma integral. Através da postura investigativa das Educadoras são produzidos os registros da avaliação que ilustram os progressos e as necessidades das crianças, além das experiências que elas vivenciaram.

A rotina do turno da manhã, do Jardim B, está assim organizada:

As crianças começam a chegar na creche à partir das 06h35min, sendo o horário do trabalho dos pais que estipula seus horários de entrada. No turno da manhã, elas são acompanhadas por duas professoras, a terceira só acompanha a turma à partir do almoço em diante. Desde o horário que chegam até as 08h00min as crianças brincam com algum brinquedo, sendo que, nas segundas

feiras elas podem trazer algum dos de casa para compartilhar com os colegas - nos outros dias, utilizam brinquedos da sala e jogos de mesa. O café da manhã inicia as 08h00min e vai até as 08h30min.

Após o café, as crianças são conduzidas à rodinha, na qual acontecem: a chamada, a identificação de qual dia e data eles se encontram e também a observação e descrição de como está o tempo lá fora. Continuando na rodinha, a professora passa então para o tema da semana ou do mês, estipulado por elas. Para entender melhor como são trabalhados os temas ela me deu um exemplo do tema atual no qual elas estão trabalhando. Foi contada à turma a história "O mágico de OZ", com o intuito de explorá-la o máximo possível, desde os girassóis da história até o animal de estimação de uma das personagens. Atualmente a turma está desenvolvendo o trabalho com o animal de estimação, mais especificamente, o cachorro. A professora conversou com eles tudo o que envolve ter esse tipo de animal de estimação, e mais, desenvolveu um trabalho muito legal e diferente sobre a diferença do esqueleto do cachorro comparado ao nosso, e sobre a sua alimentação, que deu um link para se trabalhar a alimentação saudável juntamente com uma das estagiárias de nutrição. Após ter tido uma boa discussão sobre o tema abordado, é trabalhado atividades mais concretas relacionadas ao tema, como citado no exemplo a cima.

Finalizando a manhã, voltando do pátio ou da aula de educação física, as crianças são direcionadas à higiene, lavar as mãos para esperar o almoço. O almoço acontece das 11h00min até as 11h30min. Após o almoço, novamente as crianças são direcionadas à higiene, escovação dos dentes. Terminando esse processo os alunos têm o horário do descanso, que vai das 12h00min às 14h00min.

Após a hora do descanso as crianças tomam o café da tarde, que vai das 14h00min às 14h30min, após isso começam a chegar as crianças do turno da tarde e todos são conduzidos à rodinha novamente, fazem a chamada e a professora começa suas atividades dirigidas. A rotina da manhã e da tarde são as mesmas, mudando apenas a maneira/dinâmica de conduzir algumas atividades pois como existem alunos de turno integral a intenção é que não se tornem atividades repetitivas.

Este projeto foi desenvolvido na turma do Jardim B, que é constituída por 22 crianças (12 meninas e 10 meninos), na faixa etária entre cinco a cinco anos e onze meses.

3.3 MÉTODO E ABORDAGEM

Trata-se de uma proposta de Relato de Experiência de Caso Situacional, de delineamento descritivo exploratório (GAYA & GAYA, 2018).

3.4 PROCEDIMENTOS

Este estudo foi desenvolvido por meio de Estágio Curricular Não Obrigatório com uma turma de Jardim B da Creche Vera Fabrício Carvalho do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

As aulas de Educação Física foram elaboradas a partir do contexto de histórias infantis e foram realizadas duas vezes na semana, no período de abril a junho de 2018, totalizando 12 aulas. Cada aula teve a duração de 30 minutos e foi realizada a partir da seguinte estrutura:

- 1) Parte Inicial: roda de conversa onde será retomada a história infantil, previamente contada pela professora da turma, que será o contexto da aula. (5 min)
- 2) Parte Principal: desenvolvimento de habilidades motoras e capacidades físicas condicionantes e coordenativas através de elementos da cultura corporal inseridos no contexto da história infantil escolhida. (20 min)
- 3) Parte Final: realização de atividades com baixa movimentação (roda de conversa, relaxamento, músicas com movimentos corporais, entre outras atividades). (5 min)

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

O instrumento de coleta de informações utilizado foi o diário de campo realizado durante o período de desenvolvimento das aulas: ao término de cada aula foi produzido um relato dos acontecimentos, onde os desafios enfrentados e os êxitos obtidos no exercício da ação docente, bem como o engajamento e comportamento social das crianças eram registrados.

3.6 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Será realizada a análise de conteúdo do diário de campo tendo como referência as seguintes categorias: desafios enfrentados e os êxitos obtidos no exercício da ação docente e engajamento e comportamento social das crianças.

4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto do presente estudo foi apresentado à Coordenação Pedagógica da Creche. Após sua aprovação pela referida Coordenação, foi realizada uma reunião com as educadoras da turma do Jardim B para apresentação do referido projeto. Após a concordância das educadoras, este trabalho foi iniciado.

Os nomes das educadoras, bem como os das crianças, são fictícios para preservar a identidade das mesmas.

5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS INFANTIS

Apresento, a seguir, uma síntese das histórias infantis utilizadas e uma breve descrição das aulas de Educação Física realizadas a partir do contexto de cada história.

Posteriormente, descrevo a análise da prática pedagógica desenvolvida a partir de 2 categorias:

- principais desafios enfrentados e êxitos obtidos no exercício da ação docente
- o engajamento e o comportamento social das crianças nas aulas de Educação Física

5.1 SÍNTESE DAS HISTÓRIAS INFANTIS UTILIZADAS E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA REALIZADAS

Apresento a seguir a descrição resumida das histórias utilizadas e uma síntese do desenvolvimento das aulas de Educação Física. Foram realizadas o total de doze aulas desse componente curricular. Algumas histórias foram o contexto de duas aulas de Educação Física, outras foram apenas de uma aula. Três das oito histórias utilizadas foram contadas por mim - ocasiões em que a professora da turma não cumpriu a combinação de realizar a contação da história para as crianças previamente.

1) História do Théo: Esta história foi contada por mim, uma vez que as professoras não realizaram essa atividade com a turma, e fala sobre um menino que é muito criativo e gosta de inventar muitas coisas. As características e situações vivenciadas pelo Théo eram ilustradas por posições de Hatha Yoga. Foram desenvolvidas duas aulas a partir do contexto dessa história.

Aula 1 - Essa aula foi desenvolvida através de uma sessão historiada (história contada com a participação dos alunos com movimentos e canções). Essa história se desenvolve a partir de posições de yoga. Montei uma meia lua com os colchonetes para cada criança sentar e produzi umas plaquinhas das posições que o personagem da história fazia para que as crianças visualisassem

as posições e realizassem a imitação. Na medida em que eu ia contando a história, mostrava a plaquinha para as crianças e perguntava a elas quem conseguia fazer a posição que o Théo estava fazendo. No final da aula fiz um relaxamento: pedi que todos os alunos deitassem, cada um no seu colchonete e na posição que eles achassem mais confortável. Utilizei uma caixinha de som para as crianças ouvirem sons da natureza e disse a eles que estávamos deitados na floresta onde o Théo estava. Pedi que eles fossem falando o que estavam vendo a partir dos sons que estão ouvindo. Essa aula foi feita em um espaço com uma luz mais baixa e em um lugar mais silencioso. Os objetivos foram vivenciar uma prática de yoga, bem como desenvolver a consciência corporal, a imaginação e a expressividade e aprimorar as capacidades de equilíbrio, flexibilidade, lateralidade, percepção espacial, percepção temporal e força isométrica.

Aula 2 – O objetivo dessa aula foi retomar a história e os movimentos nela envolvidos de maneira mais dinâmica e aprimorar habilidades locomotoras (correr, saltar, quadrupeda e rastejar), aprimorar as capacidades de equilíbrio, coordenação, flexibilidade, lateralidade, percepção espacial, percepção temporal. Iniciei com uma corrida, na qual, eu mostrava as plaquinhas com as posições, da aula anterior, e eles deveriam ir até o outro lado do salão na posição que eu mostrasse. Montei um percurso motor, seguido da seguinte maneira: três cones em sequência, para passar em ziguezague, uma corda estendida, para passar por cima, três pneus em sequência, para passar por cima ou por dentro, cinco espaguete em sequência, para passar por cima ou entre eles e um obstáculo de madeira para passar por baixo ou saltar. Fiz uma roda cantada com uma música “os bichos da floresta” que contém as posições feitas nas duas aulas, e eles executavam os movimentos de acordo com a letra. Finalizei com o relaxamento que foi feita na primeira aula.

Observação: Essa história foi adaptada, o personagem Théo que eu criei com a turma é um duende bem pequenininho que vive na floresta. A imagem do personagem eu utilizei a mesma da referência.

Referência:

História: <https://yogacomhistorias.com.br/portfolio/o-menino-joao/>

Música:<https://yogacomhistorias.com.br/portfolio/tapetinho-yoga-com-os-bichos/>

2) História “Muito bem, Bóris! ”: Essa história foi contada pela professora da turma e é sobre um grupo de animais que, junto com a sua professora, realizam um acampamento. O Bóris era um urso, que era o maior e mais forte do grupo. Nesse acampamento, os personagens da história enfrentaram muitos desafios e o Bóris sempre ajudava quem estava com alguma dificuldade. Foram desenvolvidas duas aulas a partir do contexto dessa história.

Aula 1 – Fiz uma rodinha inicial onde retomei com eles os acontecimentos da história, pedi para que eles falassem sobre ela e o que mais tinha chamado a atenção de cada um. Dessa história peguei como ponto principal a ajuda ao próximo e a aula teve como objetivos desenvolver a cooperação, o trabalho em equipe e o respeito ao próximo, e aprimorar as habilidades de correr e caminhar), aprimorar as capacidades de percepção espacial, percepção temporal e coordenação. Iniciei com um pega-pega corrente no qual se escolhe um pegador e os demais se espalham e fogem do mesmo. Quem for pego deve dar a mão para o pegador e assim ir formando uma corrente, juntos eles correm atrás dos outros. Depois, fiz duas atividades que eles tinham que trabalhar todos juntos. Nas duas utilizei um lençol. Cada aluno seguraria um pedaço deixando-o de maneira a ficar um pouco esticado, e eles teriam que carregar objetos em cima sem derrubar, deslocando-se de um lado para o outro, no espaço disponível. O primeiro objeto a ser transportado com o lençol foi uma bola. Foi proposto formas diferentes de deslocamento (andar na ponta dos pés, andar nos calcanhares, passo lateral, passo cruzado, entre outros). Quando as crianças chegassem na outra extremidade da sala teriam que tentar rolar a bola para dentro de um balde. Depois as crianças teriam que carregar uns ursinhos de pelúcia que eu levei para representar os amigos da floresta da história - eles deveriam levá-los para passear sem os deixar cair no chão. Para finalizar peguei os ursinhos que eu trouxe, fizemos uma rodinha e os ursinhos foram passando de aluno em aluno; pedi para que eles fizessem algo no ursinho que eles quisessem, como abraços, cócegas, entre outros.

Aula 2 – Nessa aula mantive os mesmos objetivos da primeira. Porém a aula foi realizada no pátio da creche, onde utilizei vários elementos da natureza como a

grama e as árvores para montar o ambiente da história que se passava em uma floresta. Montei um percurso motor, sendo o caminho para a casa do Bóris, personagem principal da história, tendo os seguintes obstáculos: três pneus em sequência, para passar por cima; quatro cadeiras grandes, duas de um lado, duas de outro, frente à frente, e apoiado em cada duas cadeiras tinha um cabo de vassoura com balões pendurados, para passar rastejando; e quatro cadeiras pequenas formando um quadrado, com barbantes amarrados aleatoriamente nos pés das cadeiras, para passar por dentro. A cabana do Bóris foi feita com uma barraca infantil grande, um lençol por cima amarrado nas pontas com uma corda em árvores para fazer uma varanda, na qual, tinham almofadas espalhadas, para as crianças explorarem esse espaço à vontade.

Referência:

Livro infantil: Muito bem, Bóris - Carrie Weston e Tim Warnes. 32 págs. Editora: Ciranda cultural. Ano 2011.

3) História “Potyra Inimá Paravuny”: Esta história foi adaptada pela professora da turma e fala sobre uma indiazinha chamada Potyra que convida uma menina para fazer uma viagem no tempo para a época em que o Brasil foi descoberto. Nessa viagem no tempo, a Potyra explica para a menina o que os índios costumavam fazer antigamente. Foram desenvolvidas duas aulas a partir do contexto dessa história.

Aula 1 – Essa aula teve como objetivos desenvolver habilidades manipulativas (lançar, receber e rebater), desenvolver a cooperação e aprimorar as capacidades de percepção espacial, percepção temporal e lateralidade. Fiz uma Roda de Conversa para retomar com as crianças a história, comentamos sobre as brincadeiras indígenas e eu mostrei a eles as petecas que havia levado. Levei petecas feitas com bolinhas de jornal enroladas com durex e envelopadas com TNT marrom, finalizada com um nó com barbante. Deixei primeiramente que eles explorassem livremente as petecas, pois eles nunca tinham brincado com uma, depois comecei a lançar desafios como jogar para cima de qualquer jeito e pegar de volta, jogar para cima só com uma mão, depois com a outra mão; pedi para as crianças me mostrarem jeitos diferentes de jogar a peteca... depois perguntei

quem conseguia dar um tapa na parte de baixo da peteca e lançá-la para frente. Eles começaram sozinhos e depois formaram duplas.

Aula 2 – A segunda aula teve como objetivos desenvolver o respeito ao próximo, a paciência, o trabalho em equipe, aprimorar habilidade de andar e aprimorar as capacidades de percepção espacial, percepção temporal, coordenação e força. Para essa aula, eu e a professora da turma confeccionamos rodas grandes de papel pardo, da altura das crianças, para que elas pudessem ir no meio. Depois de retomar a história numa Roda de Conversa, realizamos a corrida na roda de papel pardo: os alunos foram divididos em duas equipes, um aluno de cada equipe entra dentro de uma roda e se desloca até o outro lado do salão dentro dessa roda, utilizando as mãos e os pés. Depois, duas crianças da mesma equipe utilizavam a roda juntas. Para finalizar a aula fiz uma brincadeira que a professora da turma sugeriu, conhecida como “arranca mandioca”: as crianças formam uma coluna, sentadas no chão com as pernas afastadas e próximas ao quadril do colega que está na sua frente e seguram firme na cintura deste. Uma criança é escolhida para ser o índio forte, que deve tentar arrancar as “mandiocas”, puxando o último da coluna pela cintura até tentar arrancar uma “mandioca”.

Referência:

Livro infantil: Potyra Inimá Paravuny – Anna Flora. 40 págs. Editora: Nova Fronteira. Ano 2005.

4) História “Uma Fadinha Encantada”: Essa história foi contada pela professora da turma e é sobre uma ratinha que é uma fada; ela ajuda todos os seus amigos com uma varinha mágica. Foram desenvolvidas duas aulas a partir do contexto dessa história.

Aula 1 – O objetivo dessa aula foi desenvolver a imaginação, a criatividade e a expressividade, aprimorar a habilidade de galopar e correr e aprimorar as capacidades de percepção espacial, freio inibitório e equilíbrio. Retomei a história através de uma Roda de Conversa e iniciei com um pega-pega dos sentimentos: as crianças correm pelo espaço fugindo do pegador e quem é pego fica paralisado e deve representar em sua estátua alguns sentimentos, escolhido por mim na hora em que escolhi o pegador (tristeza, felicidade, raiva, entre

outros). Para ser salvo um outro colega deve parar na sua frente e imitar a estátua do aluno paralisado. Depois fiz uma brincadeira “Castelo mágico e cavaleiros” (na história apareceu esses elementos) na qual cada criança recebeu um espaguete para ser seu cavalo e todos foram os cavaleiros. Eles deveriam galopar com seus cavalos pelo salão enquanto eu dava alguns comandos, por exemplo: Cavalgando rápido, cavalgando devagar e quando eu dizia cavaleiros passando pela torre, as crianças deveriam largar os cavalos onde estavam e subir e descer no brinquedo grande do salão, e depois pegar novamente seus "cavalos". Finalizei a aula com a brincadeira do morto-vivo adaptada. Fiz uma varinha mágica (como a da ratinha da história) e expliquei para eles que quando eu dissesse “mole” eles cairiam no chão e quando eu falasse “duro” eles ficariam de pé com os braços ao lado do corpo.

Aula 2 – Essa aula teve como objetivo desenvolver a imaginação, a criatividade e a expressividade, e aprimorar as habilidades de correr e andar e aprimorar as capacidades de percepção espacial e equilíbrio. Nessa aula eu levei de novo a varinha mágica e disse para as crianças que eu iria me transformar numa fadinha, como a ratinha da história, e iria transformá-los em super-heróis, fiz várias capas com jornal e coloquei enrolada para dentro da gola da camiseta de cada criança. A primeira atividade foi “Super-heróis em ação”, na qual, espalhei pelo salão três barracas infantis, as crianças deveriam escolher um super-herói para ser e correr livremente pelo espaço. Quando eu gritasse “super-heróis para suas naves” eles deveriam escolher uma barraca para entrar e dividir o espaço com outros colegas, sendo que a turma deveria se dividir igualmente nas barracas. Quando eu gritasse “super-heróis em ação” elas voltariam a correr livremente. Depois, fiz uma ponte com um escorregador do brinquedo grande do salão e as crianças, formando uma fila deveriam passar por cima da ponte que, ao ser atravessada, os transformaria em algum animal, da escolha deles. Quando eles descessem da ponte, deveriam se deslocar pelo salão imitando o animal escolhido, até passarem novamente pela ponte e serem transformados em outro animal. Finalizei a aula com um esconde-esconde embaixo do lençol: as crianças sentaram no chão, formando um círculo. Pedi que todos os alunos fechassem os olhos e então escolhi dois alunos para irem para baixo do lençol, que estava no meio do círculo, estendido. Após as duas

crianças se ajeitarem em baixo do lençol, pedi que os outros alunos abrissem os olhos e dissessem quais colegas estavam faltando no círculo.

Referência:

Livro infantil: Uma fadinha encantada - Hubery, Julia. 20 págs. Editora: Ciranda Cultural. Ano 2013.

5) História “Os dez amigos”: Essa história foi contada por mim e fala sobre os nomes dos dez dedos das mãos. Como a professora que estava com a turma não realizou a contação de história e me informou que o tema da semana era "atividades matemáticas", escolhi essa história para integrar a noção de quantidade nas atividades propostas na aula de Educação Física. Foi desenvolvida uma aula a partir do contexto dessa história.

Aula única –Essa aula teve como objetivo desenvolver a cooperação, concentração e a noção de quantidade, aprimorar a habilidade motora de correr, as capacidades de percepção espacial. Comecei com uma Roda de Conversa, onde contei a história para eles, e os desafiava a fazer diferentes movimentos com os dedos. Depois realizei a brincadeira “correndo juntos”, na qual, os alunos correm livremente pelo espaço, e quando eu gritasse “um colega”, eles deveriam procurar um colega para correr de mãos dadas. Eles seguiam correndo de mãos dadas com o número de colegas que eu estipulava, por exemplo: se estavam correndo em duplas e eu gritasse “mais dois colegas”, eles deveriam achar outra dupla e formar um quarteto. A corrida prosseguia enquanto eu variava o número de crianças que deveriam correr juntas. Depois formei um “U” com arcos, dentro de cada arco tinha números de 1 à 4, repetindo os números uma vez cada um. Espalhei bolinhas de plástico pequenas e coloridas dentro desse “U” e os alunos deveriam pegar essas bolinhas e colocar dentro dos arcos de acordo com o número que estava dentro de cada arco. Eu ia propondo formas diferentes de pegar a bolinha, utilizando diferentes dedos, por exemplo: "quero ver quem consegue pegar a bolinha usando só o polegar e o dedo anular", "quero ver quem consegue pegar a bolinha usando só o polegar e o dedo indicador". Após duas rodadas, coloquei 10 arcos e dentro de cada arco tinha os números de 1 à 10. Repeti algumas vezes essa brincadeira. Para finalizar a aula, fiz a brincadeira “Profe posso ir? ”, na qual as crianças ficam dispostas em linha, de um lado do

salão, e eu fico do outro lado do salão, de frente para eles. Os alunos perguntavam “Profe, posso ir? ”, e eu respondia: “Pode”, então os alunos questionavam “Quantos passos? ”, então eu escolhia o número e também o tipo de passo que os alunos deveriam dar. Por exemplo: – “ dois passos, de passarinho”.

Referência:

Livro infantil: Uma fadinha encantada - Hubery, Julia. 20 págs. Editora: Ciranda Cultural. Ano 2013.

6) História “Uma joaninha diferente”: Essa história foi contada pela professora da turma e é sobre uma joaninha que nasceu sem pintinhas e todo mundo zombava dela. Um dia ela convida um amigo besouro para se fantasiar de joaninha (ela faz as pintinhas nele) e ir no local onde ela mora. Todos o recebem muito bem e depois de um tempo ela "apaga" as pintinhas dele e mostra para as outras joaninhas que não é preciso ter pintinhas para ser um bichinho legal. Foi desenvolvida uma aula a partir do contexto dessa história.

Aula única – Nessa aula também realizei atividades matemáticas, que teve como objetivos desenvolver a concentração e a noção de quantidade e aprimorar a corrida e aprimorar as capacidades de percepção espacial e agilidade. Retomamos a história numa Roda de Conversa e realizei o pega-pega “pintinhas da joaninha”: todos os alunos estavam vestindo coletes. Escolhi um pegador que tinha, em cada mão, um círculo de papelão (pintinha da joaninha) com uma fita adesiva em um dos lados. Quem era pego teve colado em seu colete uma pintinha. No decorrer da brincadeira, escolhi vários pegadores. Vencia quem, no final, não tinha nenhuma pintinha colada em seu colete, ou quem tinha a menor quantidade. Depois fiz a brincadeira “colocando as pintinhas nas joaninhas”, na qual, coloquei de um lado do salão arcos com cabeças de joaninhas (feitas com papel) e com fitas adesivas no meio, para que as crianças colassem as bolinhas de plástico que estavam espalhadas do outro lado do salão. Do outro lado do salão serão espalhadas as bolinhas. As crianças pegavam a quantidade de bolinhas que eu pedia e colavam nos arcos/joaninhas. Para finalizar a aula fiz a brincadeira “Quem chega lá primeiro? “: as crianças estavam dispostas em linha, de um lado do salão, e cada uma teria uma vez

para jogar um dado confeccionado com uma caixa de papelão e ver quantos passos poderia andar, assim sucessivamente até que alguma criança chegasse primeiro no outro lado.

Referência:

Livro infantil: Uma joaninha diferente – Regina Célia Melo. 14 págs. Editora: Paulinas. Ano 2008.

7) História “A descoberta da joaninha”: Essa história foi contada pela professora da turma e é sobre uma joaninha que ia numa festa organizada por uma lagartixa. A joaninha se enfeita com muitos adereços e no caminho para ir para à festa ela encontra com vários animais que também foram convidados mas não iam ao evento porque não tinham roupa ou enfeites. E ela vai emprestando suas coisas para os bichinhos irem à festa com ela e fica feliz ao descobrir que se divertiu muito, apesar de não estar toda enfeitada como tinha planejado. Foi desenvolvida uma aula a partir do contexto dessa história.

Aula única – O objetivo dessa aula foi desenvolver a cooperação e a solidariedade, aprimorar as habilidades motoras de andar, correr e saltar e aprimorar as capacidades de percepção espacial e força. Retomei a história e disse que na aula de hoje cada criança iria ajudar os colegas, como fez a joaninha. A primeira atividade foi “Salvando os colegas”, na qual, de um lado do salão ficavam três colegas (dependendo quantos alunos tiver em aula nesse dia) que seriam os salva-vidas, cada um deles teria um “bote salva-vidas” (que seria um espaguete), eles deveriam atravessar o mar “correndo/nadando” e ir “salvar/buscar”, um colega de cada vez. O colega que estaria esperando ser salvo deveria sentar no chão e o salva-vidas deveria envolver (na cintura) o colega em um espaguete e puxa-lo até o outro lado. Procurei trocar os alunos até que todos tenham sido salva-vidas e tenham passado pelo “salvamento”. Depois realizei uma atividade de passear com o colega de olhos vendados, onde os alunos foram separados em duplas e um da dupla estaria com os olhos vendados (com coletes, ou faixas de TNT) e o outro deveria guiá-lo pelo salão, passando por obstáculos (arcos e espaguetes espalhados). Depois trocariam os papéis. Finalizei a aula com um jogo de dado em duplas, onde elas ficariam

dispostas em linha. A dupla jogaria o dado e deveria dar o número de saltos, com as mãos dadas, até que se chegasse ao outro lado.

Referência:

Livro infantil: A descoberta da joaninha – Bellah Leite Cordeiro. 12 págs. Editora: Paulinas. Ano 1982.

8) História “Festa junina da Dona Maricota” – 1 aula - História contada por mim

Aula única – Nessa aula tive que contar a história para as crianças pois não teve história no planejamento das professoras nessa semana. Como estávamos na semana da festa junina, aproveitei o tema e contei essa história. A Dona Maricota é uma galinha que gosta muito de festa junina e futebol. E quando teve a Copa do Mundo de Futebol, ela organizou uma festa junina diferente, com esse tema. A história conta a organização dessa festa e as brincadeiras que a Dona Maricota realizou. E contei para as crianças que eu tinha conversado com a Dona Maricota e que iríamos fazer na aula algumas brincadeiras que ela havia me sugerido. Essa aula teve como objetivos vivenciar brincadeiras, aprimorar a corrida e desenvolver as capacidades de percepção espacial, e força. Contei a história para as crianças numa Roda de Conversa e logo após iniciei com a brincadeira “Pega rabo”, na qual, cada criança recebe um colete que deve ficar preso atrás da calça; elas correm pelo espaço tentando pegar o rabo do colega e ao mesmo tempo proteger o seu. Ganha quem consegue ficar com seu rabo até o final. Depois realizei a brincadeira “Carrinho-de-mão”, onde as crianças formam duplas: uma fica apoiada com as mãos no chão e seu colega deve segurar suas pernas estendidas; a dupla deve se locomover pelo espaço. Depois fiz a brincadeira “cabo-de-guerra”: a turma foi dividida em duas equipes, as mesmas se posicionariam em duas filas, uma de frente para a outra, todos segurando uma corda e deveriam puxá-la até que uma das equipes conseguisse deslocar a outra até um ponto determinado por mim. Finalizei a aula com a brincadeira “Calçando as cadeiras”, na qual os alunos tirariam os sapatos e eu os espalharia pelo espaço. Nesse espaço haveriam cadeiras pequenas onde as crianças deveriam ir correndo, ao meu sinal, e achar pares iguais calçando as cadeiras. Depois eu passaria para conferir se os pares estavam certos.

Referência:

Livro infantil: A festa junina da Maricota –
<http://professoracalu.blogspot.com/2013/06/a-festa-junina-da-maricota-numa.html>

5.2 PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS E ÊXITOS OBTIDOS NO EXERCÍCIO DA AÇÃO DOCENTE

Quando pensei nessa proposta, sabia que teria uma grande parceria com a professora do turno da manhã Marta, pois sempre que possível, ela me contava sobre suas aulas e tentávamos pensar em atividades que pudessem dar continuidade ao que as crianças estavam vivenciando. Quando conseguíamos ter essa troca, as aulas eram pura diversão, inclusive para nós, pois ela fazia questão de participar ativamente. Era notável a diferença das aulas em que havia parceria com a professora de turma. Com isso, comecei a pensar sobre as histórias. Se com pequenos comentários sobre a aula em sala já notávamos que a minha aula era diferente para as crianças, com as histórias ela seria “mágica”.

A rotina da creche é bastante corrida, o que dificultava conseguir um tempo para conversar com as professoras de sala. Eram poucos os momentos em que conseguíamos nos reunir, então eram poucas as aulas que conseguíamos trabalhar em conjunto. Sendo assim, pensei nas histórias infantis como ferramenta de conexão entre a minha aula e a da professora Marta, pois como não conseguíamos muito tempo para conversar sobre seus temas de aula e suas propostas, a intenção era que as duas lessem as histórias, e no tempo que tínhamos, tentaríamos discutir alternativas de atividades para integrar o contexto das histórias em sala de aula e nas aulas de educação física.

Para Siqueira (2001, p.92),

um trabalho que se constitua interdisciplinar necessita de uma equipe engajada que possa dialogar e contribuir com informações acerca dos diferentes conteúdos das disciplinas e presumir uma reciprocidade entre seus participantes.

Tendo em vista a proximidade com a professora Marta e sua disposição em realizar um trabalho integrado com a Educação Física, imaginei que poderíamos desenvolver aulas muito diferentes a partir das histórias infantis.

Infelizmente, por motivos pessoais, a professora Marta teve que faltar por diversas vezes durante esse projeto. Então tive que tentar uma parceria com a

professora da tarde Lurdes, que vinha no turno da manhã quando a outra professora precisava faltar. Nesse mesmo período estavam acontecendo as adaptações internas das turmas, o que deixava a rotina da creche ainda mais intensa.

Não conseguimos ter uma reunião inicial, apenas uma conversa breve, na qual, apresentei minha proposta. O combinado ficou que elas me apresentariam todo o início da semana a história que seria trabalhada com os alunos.

O início do projeto se deu em um período adaptativo da creche, que ocorre todos os anos no período de março a maio, no qual, as crianças passam pela transição de turma, neste caso do jardim A para o jardim B, adaptação a sala nova e as professoras novas. A professora Marta está com essa turma a 4 anos seguidos.

Quando fui perguntar para as professoras do Jardim B se haviam histórias para aquela semana, elas me disseram que não tinham feito planejamento por causa desse período. Então fui por conta própria procurar alguma história para começar minha dinâmica. (Diário de campo, 12/04/18)

Na procura da primeira história optei pelo tema corpo, como é um tema geral, poderia fazer fácil ligação com os temas que as professoras abordariam mais adiante. Nas leituras que fiz sobre histórias infantis, tive vários exemplos de como fazer uma contação de histórias mais interativa, pois além de as professoras ainda não terem seus planejamentos, não teriam aula de contação naquela semana, o que ficou sobre minha responsabilidade não só procurar uma história como contá-la.

Tentei pensar que pela demanda de tempo que as adaptações das crianças na rotina da turma nova requer, seria apenas naquela semana que eu tomaria a frente das histórias, afinal, o intuito era tentar um trabalho integrado.

A experiência que tive com a professora Marta foi muito gratificante. Ela engajou-se completamente nessa dinâmica. Os detalhes de suas aulas eram ricos, sempre fazia questão de me trazer ideias relacionadas à educação física e participava ativamente das minhas aulas, fazendo algumas atividades juntos com os alunos, além de me auxiliar na confecção de alguns materiais, ou me emprestar o que iria usar.

Essa semana, conversando com a professora (Marta), ela me disse que já estava na segunda semana de trabalhos sobre os índios, havia mostrado vídeos, feito trabalhinhos e lido a história "Potyra" (me relatou que a história não é bem adequada para a idade porém ela adaptou para contar pra eles), também me disse que nas rodas de conversa ela destacou muito as brincadeiras e com o que os índios brincavam. (Diário de campo, 23/04/2018)

Seguindo no mesmo dia desse diário,

[...] mas o melhor foi que a professora (Marta) pediu para participar da aula, então eu demonstrei junto com ela como poderíamos jogar com os amigos. As crianças adoraram ver as duas profes delas jogando e logo se viraram para um colega para jogar também. (Diário de campo, 23/04/2018)

Acredito que a parceria com a professora Marta trouxe ganhos muito maiores na aprendizagem dos alunos e também para as nossas práticas pedagógicas.

Bonato (2012, p.10) ressalta,

todos ganham com a interdisciplinaridade, primeiramente pelo conhecimento recuperar sua totalidade e complexidade; os professores pela necessidade de melhorarem sua interação com os colegas e repensar da sua prática docente; os alunos por estarem em contato com o trabalho em grupo, tendo o ensino voltado para compreensão do mundo que os cerca.

Fortes (2009, p.9) completa,

a interdisciplinaridade se realiza como uma forma de ver e sentir o mundo, de estar no mundo, de perceber, de entender as múltiplas implicações que se realizam, ao analisar um acontecimento, um aspecto da natureza, isto é, os fenômenos na dimensão social, natural ou cultural. É ser capaz de ver e entender o mundo de forma holística, em sua rede infinita de relações, em sua complexidade.

Infelizmente, a professora Marta, por problemas pessoais, teve de se ausentar da creche por um período. A professora Lurdes, embora não tenha manifestado discordância em relação à minha proposta, efetivamente, não colaborou muito.

A profe Marta teve que entrar de licença, então eu teria que começar a trabalhar com a outra profe deles, a Lurdes. Quando pedi para ela a história, no início da semana, ela disse que havia contado uma na semana passada e seguia trabalhando em cima dela, porém essa história foi contada apenas para a turma da tarde, pois as histórias da manhã eram contadas pela professora Marta. Com o afastamento da profe Marta, não houve história naquela semana. A professora Lurdes alegou que não contaria nenhuma e nem teria tema específico para me dizer. Um dia antes da minha aula, tentei pedir novamente algum tema ou se ela havia mudado de ideia e contado alguma história para eles, ela disse que se eu quisesse a história que ela contou para o turno da

tarde ela me emprestava para contar para os do turno da manhã.
(Diário de Campo, 24/05/2018)

Segundo Bonatto (*Op. Cit.*, p.6),

a interdisciplinaridade acontece naturalmente se houver sensibilidade para o contexto, mas sua prática e sistematização demandam trabalho didático de um ou mais professores. Por falta de tempo, interesse ou preparo, o exercício docente na maioria das vezes ignora a intervenção de outras disciplinas na realidade ou fato que está trabalhando com os alunos.

O trabalho integrado não se fez possível com a professora Lurdes, havia uma certa resistência quando eu aparecia na sala para conversar sobre a história da semana.

Iniciei com a roda para retomar a história, porém dessa vez percebi que eles não sabiam muito bem do que eu estava falando. Já estava tendo dificuldades com a professora Lurdes para conseguir as histórias e dessa vez, quando fui falar com ela, primeiro foi dito que não havia história, depois ela me disse que tinha tentado passar um vídeo-história e comentado com as crianças o enredo. Achei aquilo muito estranho porém fui atrás dessa história e montei minha aula. Na roda inicial da minha aula com as crianças, percebi que elas pouco sabiam sobre o que eu estava falando. Novamente me virei com o que tinha.
(Diário de campo, 08/06/2018)

Ficou claro ao longo deste trabalho a importância do diálogo e do interesse, para um trabalho integrado. Era evidente a diferença das aulas quando era uma professora e quando era a outra.

É necessária uma quantidade de estudos e pesquisas bem maior sobre a prática integrada em situações reais de ensino formal. Porém, é evidente a contribuição desse tipo de trabalho. Seguindo nas palavras de Thiesen (2018, p.9), sobre a importância da interdisciplinaridade,

Retoma, aos poucos, o caráter de interdependência e interatividade existente entre as coisas e as ideias, resgata a visão de contexto da realidade, demonstra que vivemos numa grande rede ou teia de interações complexas e recupera a tese de que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si. Ajuda a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos. É um movimento que acredita na criatividade das pessoas, na complementaridade dos processos, na inteireza das relações, no diálogo, na problematização, na atitude crítica e reflexiva, numa visão articuladora que rompe com o pensamento disciplinar, parcelado, hierárquico, fragmentado, dicotomizado e dogmatizado que marcou por muito tempo a concepção cartesiana de mundo.

Conforme já explicitado anteriormente, a realização de uma integração da Educação Física com os demais componentes curriculares desenvolvidos pelas

educadoras da turma em sala de aula exige disposição para a troca de ideias, interesse e, preferencialmente, a reserva de um tempo, na rotina semanal, para reuniões. Considero que meu maior desafio foi a dificuldade de interagir com a professora Lurdes. Por outro lado, um dos principais êxitos obtidos foi o trabalho integrado que foi possível desenvolver com a professora Marta. A participação das crianças nas aulas de Educação Física realizadas a partir das histórias infantis também é outro fator que considero como um êxito alcançado, mas que será analisado na categoria a seguir.

5.2 O ENGAJAMENTO E O COMPORTAMENTO SOCIAL DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A família é o primeiro meio para a criança construir seu processo de socialização, no qual, aprenderá regras, valores, e a interagir com os pares. Era notável, em cada uma delas, seus costumes. Inclusive nas crianças mais desafiadoras. O querer chamar mais a atenção dos colegas e da professora, era o que mais se destacava. Havia crianças com muita carência emocional, outras com muita energia guardada em si e seu único momento para extravasar eram nas minhas aulas.

Depois da família, a escola tem papel fundamental no processo de socialização das crianças. Para Santos R. (2011, p.23),

Na escola, além do compromisso para com a construção de conhecimento, encontra-se a tarefa de contribuir para que os alunos se desenvolvam enquanto sujeitos capazes de trabalhar em grupos, de aceitar as ideias e opiniões do outro, pois o exercício de cidadania compreende, além do conhecimento científico, a capacidade do sujeito de conviver harmoniosamente em sociedade.

Estou com essa turma há quase dois anos. Nossa relação sempre foi de muito afeto e tudo sempre se resolveu com muita conversa. O diálogo foi um dos valores que eu vi a professora Marta ensinar para essa turma. Eles, segundo as professoras, têm a característica de ser muito unidos e compreensivos um com o outro. Claro que, como todas as crianças, há atritos entre eles, há discordância, mas o ambiente, no qual, a professora Marta criou dentro da sala fez com que eles conseguissem resolver tudo na base da conversa.

Comecei a aula com o pega-pega corrente, e novamente fui surpreendida, não só pela atitude mas pela aluna que teve a iniciativa. A Melinda era uma menina que não fazia muito as atividades da aula pois sempre foi muito insegura, e nessa aula quando ela estava na

corrente com mais 3 colegas ela parou a atividade e me perguntou bem séria *“Profe, podemos conversar um pouco para combinar quem vamos pegar primeiro”*, eu de queixo caído disse com certeza que eles poderiam, então se fecharam em uma rodinha e bolaram suas estratégias pra atividade. (Diário de campo, 19/04/2018)

Essa turma é bem desafiadora, pois são muito curiosos, e o diálogo estando sempre presente em suas rotinas, fazia com que tivéssemos muitas e muitas conversas. As histórias se encaixaram perfeitamente bem, eu explorava essa curiosidade e entendia ainda mais cada um deles. Seus modos de resolver as situações, os conflitos que ainda permaneciam, suas dificuldades e seus limites.

Quando contei a eles que nossas aulas seriam um pouco diferentes alguns ficaram extremamente curiosos, em outros era notável, em suas expressões, o entusiasmo e a euforia. Na primeira aula desse projeto, fui buscá-los no pátio e sempre que isso acontece eles chegam muito agitados e perco um tempinho tentando acalmá-los. Dessa vez, quando mostrei a eles que teríamos uma história envolvida na aula percebi seus olhinhos brilhando e sem muito esforço foram se acalmando sozinhos.

Quando começamos, aos poucos, eles foram ficando vidrados em mim e nos meus movimentos, eu percebi que eles estavam se conectando à história que eu contava e o entusiasmo com a próxima posição era enorme, a imaginação foi muito longe, eles interagiram com a história o tempo todo. (Diário de campo, 12/04/2018)

O engajamento dos alunos do jardim B nas minhas aulas, foi ficando melhor a cada história, até mesmo as crianças mais desafiadoras participavam ativamente. Eu conseguia perceber algum ponto da história, no qual eles se identificavam ou se encantavam mais, e os trazia para a aula.

Quando falo que os personagens das histórias estão presentes na aula, a imaginação deles vai longe, é lindo de ver. Na roda inicial quando toquei nesse assunto o aluno Enrico começou a me desafiar, dizendo que eu estava mentindo, que tudo isso não existia. Fiquei surpresa porém, mais surpresa ainda fiquei com a reação da colega Milena que rebateu dizendo que existia sim e que inclusive ele já tinha visto o Théo (personagem dessa história). Ela olhou para mim e deu uma piscadinha, perguntando *“você acredita em mim né profe, que eu vi o Théo?”*, respondi cheia de encanto que acreditava com certeza. Foi aí que o Enrico olhou para ela e pediu com brilho nos olhos para ela contar como foi. Tiveram uma breve conversa cheia de imaginação e Enrico se engajou na história e na aula. (Diário de campo, 19/04/2018)

Em uma das histórias o tema era “ajudar os amigos”, e eu fiquei chocada o quanto engajados eles estavam com a narrativa. Fiz diversas atividades que eles precisariam uns dos outros para a execução.

A intenção da primeira atividade era que três colegas ajudassem a turma a atravessar o salão, cada um deles tinham um “espaguete” que seria a boia salva-vidas, eles deveriam puxar, um colega de cada vez, de um lado a outro do salão, salvando-os. Eles incorporaram tanto o “ajudar o próximo” que se algum dos colegas tinha dificuldade em realizar a atividade, por exemplo, não tendo força suficiente para puxar, algum deles ia até lá e ajudava, segurando um em cada ponta para puxar seu amigo, sem eu precisar pedir, a intenção foi toda deles. Na segunda atividade, de vendar o colega e o ajudar a passear pelo salão, passando por obstáculos, eles estavam empenhadíssimos e super cuidadosos uns com os outros, foi muito bonito de observar. Na última atividade, na qual, os separei em duplas e amarrei seus pés com o do outro, no início eles estavam bem atrapalhados para caminhar colado com o colega, aos poucos eles foram se adaptando e arrumando maneiras que ficasse mais fácil o deslocamento, um cuidando os passos do outro e se ajudando. Foi uma aula muito divertida e o objetivo de ajudar o próximo foi atingido em todas as atividades. Até o aluno Antônio estava mais concentrado e focado, ele sempre tem muita dificuldade em lidar com os colegas e é muito disperso, acredito que, como em todas as atividades eles tinham alguém para chamar a atenção, ajudar e fazer junto, os colegas assumiram o meu papel de incentivá-lo e motivá-lo, nessa aula eu o vi muito diferente e saí satisfeita com o objetivo cumprido. (Diário de campo, 20/04/2018)

Em outra aula, que a história tinha a mesma temática, montei um percurso na parte externa da escola e me deparei com outro desafio, mas quando utilizei o contexto da história tudo se resolveu:

O aluno Mathias, que não tem muita paciência, reclamava dos colegas que demoravam um pouco mais para passar pelo percurso, porém fui conversando com ele, dizendo que temos que fazer como o Bóris (personagem da história), devemos respeitar o tempo do colega e, ao invés de xingá-los, poderíamos ajudá-los. Então o vi dando dicas para esses colegas de como passar mais rápido. (Diário de campo, 15/06/2018)

Numa das aulas, notei que o engajamento dos alunos estava diferente e ficou evidente, mais uma vez, a falta de colaboração da professora Lurdes.

Diferente das outras aulas, senti que eles tiveram mais momentos de distração. Eles se engajavam no início da atividade, fazendo o solicitado, porém logo dispersavam. Eu tentei diversas vezes fazer ligação com a história que “teria sido contada” pela professora Lurdes, mas quando percebi que eles não estavam me entendendo, concluí que a história não havia sido contada. Em uma das atividades de pega-pega, o pegador deveria colar pintinhas pelo corpo de quem era pego, o propósito era ficar sem nenhuma pintinha, como a joaninha da história. Ganharia quem tivesse sem nenhuma pintinha colada pelo corpo, porém como eles não fizeram ligação com a história, eles não queriam ficar sem pintinha, não sabiam porque a joaninha tinha que ficar sem as pintinhas e quiseram ter pintinhas pelo corpo. O nome dessa história era “Uma joaninha diferente”, falava sobre respeitar as

diferenças, afinal essa joaninha havia nascido sem pintinhas. Não tive a oportunidade de contar a eles essa história no início da aula, como fiz em algumas, pois a professora havia me dito que tinha contado para eles. [...] Nas aulas em que o contexto da história estava presente, em que eles retomavam o tempo todo partes da narrativa ou seus personagens não haviam distrações atrás de distrações. (Diário de campo, 08/06/2018)

Em uma das últimas aulas com as histórias, tive uma gratificação imensa com o retorno dos alunos. Cada um, com suas individualidades, foram superando seus limites e todos estavam completamente engajados.

Estávamos na semana em que a professora Marta havia retornado e havia trabalhado com eles sobre os índios. Levei petecas e pude perceber que com esse material diferente todos estavam engajados de alguma maneira, tentando entender como brincar com aquilo e lembrando da história contada e as coisas que a professora Marta havia trabalhado em sala com eles sobre os índios. Tive a total dedicação do aluno Antônio, que adorou jogar comigo e pela primeira vez vi completamente engajado com a atividade e o material. O aluno Hentony percebeu um detalhe no material, que a professora Marta utilizou com eles na sala, e veio faceiro me contar. Quando a Melinda conseguiu dar o tapa na peteca e pegar de volta demonstrou uma felicidade extrema. O aluno Lucas, que era muito disperso e ficava a aula toda conversando apenas com o colega Paulo e vice-versa, estava interagindo com todos os colegas e auxiliou o amigo Paulo a interagir mais com os colegas também, pois Paulo era um aluno muito tímido e pouco eu conseguia a sua atenção. Esses dois foram um dos meus maiores desafios e conseguir fazer com que eles socializassem com todos foi muito gratificante. (Diário de campo, 21/06/2018)

As aulas com as histórias foram tão significativas para o engajamento e a interação entre eles que, quando voltei a dar as aulas “normais” (sem o contexto das histórias) eles ficavam me perguntando quando que eu traria de novo os personagens para brincar com eles, e em vários momentos notei que eles reproduziam aprendizados que tiveram com essas dinâmicas.

Outro ponto me chamou muito a atenção nessa turma. Comecei a notar atitudes competitivas nas atividades. Até que eles começaram a me pedir para fazer competições.

Esse assunto ainda é “polêmico” para muitos estudiosos e professores. A competição é vista seguida de atitudes negativas e por isso é evitada para com as crianças pequenas.

Até os 4 anos de idade a criança é egocêntrica, ou seja, não consegue enxergar o ponto de vista das outras crianças, portanto não está apta para

competir. Por volta dos 5 anos, elas começam a descentrar e já apresentam comportamentos de comparação ao outro.

Caberia ao professor entender o período que a criança se encontra, egocêntrica ou descentrada, para utilizar as melhores formas de desenvolver a competição de maneira saudável, pois é possível tirar atitudes positivas de atividades competitivas.

Para Kamii (*Op. Cit.*, p.283),

Perder é desconfortável quando se torna sinônimo de fracasso. O professor tem um papel importante no desenvolvimento da atitude de que vencer um jogo não é nada mais do que vencer um jogo. Não significa que quem perde seja inferior, incompetente e mereça rejeição.

A autora fala da diferença entre a competição dentro da nossa sociedade e a competição em jogos, o que muitos confundem e utilizam como base para não trabalhar com as crianças.

Pelo menos de três maneiras a competição em um sistema socioeconômico difere da competição em jogos, pois nele (1) o objetivo é um ganho material, (2) os competidores tentam se eliminar permanentemente e (3) os competidores não concordam com as regras antes de entrar na competição. (KAMII, *Op. Cit.*, p.282)

E ainda completa ressaltando que recompensas, prêmios e notas são frequentemente usados para motivar as crianças a aprender, e muitas acabam por perseguir essas recompensas extrínsecas, e não o prazer e a fascinação intrínsecos do aprendizado. (KAMII, *Op. Cit.*, p. 282)

Quando resolvi atender ao pedido das crianças, notei a importância do trabalho e do cuidado da professora Marta em fortalecer todos os dias o valor do “respeito ao próximo”. Na aula 12, desenvolvida a partir da história “Uma joaninha diferente”, fiz uma atividade competitiva e percebi nas atitudes dos alunos o trabalho da professora Marta.

A última atividade eles estavam muito envolvidos. A algum tempo eu já venho notando outro fator que deixa essa turma extremamente engajada nas atividades, quando faço qualquer tipo de atividade com competição eles ficam vidrados, focados e extremamente engajados. Na atividade do “quem chega primeiro?”, utilizei um dado e eles apenas deveriam jogá-lo para ver quantos passos dariam. A cada rodada eu escolhia o tipo de animal para os passos. Foi incrível vê-los. Quando chegavam no final, eles comemoravam junto com o colega que havia ganhado, e este falava suas dicas para os outros colegas terem a oportunidade de ganhar também. Assim fomos. (Diário de campo, 08/06/2018)

Um estudo de Palmieri (2007), feito em uma escola de educação infantil, no qual, o ambiente da sala de aula era de individualidade e competitividade mostrou que apenas aplicar um projeto sobre cooperação não obteve resultados satisfatórios. O trabalho com atitudes e valores deve ser diário.

Acredita-se que é o caráter singular do conjunto de recursos que a educação infantil oferece à criança em desenvolvimento, através de preciosas experiências de interação social significativas, é que se abre à criança a possibilidade de integrar experiências de cooperação, competição, atividades individuais e de negociação construtiva de conflitos, o que lhe propiciará um desenvolvimento diversificado e a internalização construtiva de valores sociais, tais como a ajuda mútua, a colaboração, a empatia, e solidariedade. “ (PALMIERI, *Op. Cit.*, p.375)

Acredito que a professora Marta tenha criado um ambiente de aprendizado rico em experiências, nas quais, os valores ensinados propiciam uma excelente oportunidade para vivências de todos os tipos, inclusive para tratar da competição da maneira inovadora e consciente.

Em uma das aulas, na qual fiz uma atividade competitiva, pude notar o quanto a minha postura fez diferença para o entendimento deles sobre o ganhar e o perder.

Fiz a atividade “cabo-de-guerra”, brincadeira mais utilizada pelos índios nessa história. Na atividade estávamos em números diferentes nas equipes, tentei dividir de uma maneira justa porém, apenas a equipe que havia um a mais ganhava. Um dos alunos, que estava na equipe que perdia, ficou muito bravo e sentou no chão, disse que não queria mais participar. Fui até ele e disse que se ele estava se sentindo mal com aquilo poderia ficar de fora olhando, pois o objetivo da atividade era ganhar ou perder, e que quando se sentisse bem poderia voltar. Ele aceitou. Combinei com o resto da turma que eu entraria uma vez em cada equipe para ajudar, no início eles não gostaram muito pois achavam que eu sozinha ganharia deles, porém em uma dessas vezes eu facilitei e não fiz força, tomei um sufoco, escorreguei e a outra equipe ganhou. Eu me sentei no chão e não consegui parar de rir. Fui questionada por eles, inclusive pelo aluno que estava de fora. Queria saber porque eu estava rindo tanto se eu havia perdido. Rebatí que eu estava me divertindo muito e não precisei ganhar para que isso acontecesse. O aluno que estava de fora disse que queria voltar a brincar e então vi todos eles se divertindo. (Diário de campo, 18/05/2018)

Kamii (*Op. Cit.*, p.286), fala sobre quatro princípios de ensino nos jogos competitivos:

- 1) Lidar com a vitória de forma natural, ao invés de glorificar a vitória é melhor desde o início, minimizar a importância de vencer, adotar a filosofia de que é melhor jogar para se divertir do que jogar para vencer;
- 2) Deixar claro que perder também faz parte do jogo, o professor deve deixar claro de antemão que vencer e perder fazem parte do jogo e

deve ajuda-las a viver essas situações; 3) Permitir que as crianças evitem a competição se elas assim o quiserem, algumas crianças tem dificuldade emocional de competir e o professor deve respeitar a condição da criança, força-las a situações com as quais elas não possam lidar apenas bloqueará o processo construtivo; e 4) Jogos de sorte, jogar sob circunstância em que a vitória dependa basicamente da sorte é uma maneira de lidar com os jogos nos quais alguma criança ou equipe ganha constantemente, e também aprenderão algo sobre probabilidade em um nível elementar.

Cabe ao professor respeitar o momento e as individualidades do seu aluno, dar oportunidade para que ele escolha se quer ou não experimentar as situações da atividade, entender o contexto, no qual, a criança está inserida, para então poder auxiliar da melhor maneira sua construção do aprendizado.

Portanto, o desenvolvimento das aulas de Educação Física a partir das histórias infantis promove o engajamento das crianças de forma bastante efetiva nas aulas. A ocorrência de conflitos entre as crianças foi muito pequena, assim como as atitudes desafiadoras em relação à minha função enquanto professora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um Programa de Educação Física elaborado a partir do contexto de histórias infantis facilitará o engajamento das crianças do Jardim B nas aulas deste componente curricular? Esse foi o problema de pesquisa que gerou a realização deste trabalho.

Através dessa experiência, ministrando aulas de Educação Física com o contexto das histórias infantis pude perceber o quanto essa ferramenta pode se tornar enriquecedora, tanto para o desenvolvimento integral do aluno quanto para a própria prática pedagógica do professor de educação física e a prática pedagógica integrada.

As histórias infantis são um excelente recurso de conexão com o imaginário infantil, através das brincadeiras imaginárias tornam-se importantes ferramentas para o aprendizado das crianças. Ela desperta a função simbólica da criança, característica importante, vista ao longo desse trabalho, do estágio pré-operacional (2 à 7 anos), estimulando a imaginação e as brincadeiras de faz-de-conta, expandindo assim a capacidade da representatividade.

O brincar é um dos aspectos principais para o desenvolvimento integral da criança, nessa faixa etária, e fundamental na aprendizagem. A ludicidade como outro aspecto principal, através da resolução de problemas, possibilita criar e recriar sua realidade, o aluno pode construir visões diferentes, valores e apropriar-se da sua própria cultura. Essa abordagem lúdica através do brincar enriquece a relação professor-aluno, possibilita que o aluno possa sentir, se expressar, socializar, facilitando assim a assimilação dos saberes através da interação entre as crianças e ainda assim de maneira prazerosa.

O trabalho integrado da Educação Física com os demais componentes curriculares se torna extremamente rico e gratificante quando ambas as partes (professora de Educação Física e Educadoras que atuam na turma) estão interessadas e dispostas para a troca de ideias. A reserva de tempo, na rotina semanal, para reuniões é essencial, pois o diálogo é fundamental para que esse tipo de trabalho seja efetivo.

Enfrentei, como maior desafio desse trabalho, a resistência de uma das professoras, que não demonstrou discordância em nenhum momento da proposta realizada, porém efetivamente não colaborou com o mesmo.

Por outro lado, um dos principais êxitos foi ter vivenciado um trabalho integrado com a professora Marta, que teve atitudes cooperativas durante todo o período que participou dessa proposta. Com certeza essa troca tornou nossas práticas pedagógicas mais ricas e o aprendizado das crianças mais significativo.

Outro êxito desse adquirido foi a participação ativa das crianças, com um engajamento bastante efetivo. Raramente ocorreram situações de conflitos entre elas e atitudes desafiadoras em relação à mim.

Considero essa experiência de extrema importância para a minha caminhada como docente. As histórias infantis realmente engrandecem a prática pedagógica, favorecem o engajamento das crianças nas aulas de Educação Física e auxiliam no desenvolvimento da criança nesta faixa etária. A abordagem lúdica torna o ambiente mais harmonioso e a aprendizagem do aluno mais significativa. Ter a oportunidade de tentar um trabalho integrado me trouxe muito aprendizado em relação à prática docente. Ver as crianças totalmente envolvidas na aula foi o mais gratificante.

REFERÊNCIAS

BASEI, Andréia Paula. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, Santa Maria, v. 47, n. 3, p.1-12, out. 2008.

BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 550 p.

BONATTO, Andréia et al. Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, Região Sul, v. 9, p.1-12, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/331050-Interdisciplinaridade-no-ambiente-escolar.html> Acesso em: abril, 2018

FORTES, Clarissa Corrêa. Interdisciplinaridade: Origem, Conceito e Valor. **Revista Acadêmica Senac On-line**, n. 6, p.1-11, nov. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8468062-Interdisciplinaridade-origem-conceito-e-valor.html> Acesso em: abril, 2018

GALLAHUE, David L; OSMUN, John. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. 481 p.

KAMII, Constance. A Questão da Competição. In: KAMII, Constance. **Jogos em Grupo na Educação Infantil: Implicações da Teoria de Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 11. p. 273-288.

LIRA, Natali Alves Barros; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A Importância do Brincar na Educação Infantil. **Revista Eletrônica - Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, p.1-22, 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Natali.pdf Acesso em: abril, 2018

LOURENÇÃO, Daiane Aparecida; ANTONELLI, Maria Alda. Contação de História na Educação Infantil. **Nativa - Revista de Ciências Sociais**, Norte de Mato Grosso, v. 5, n. 1, p.1-8, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/153089/001013879.pdf?sequence=1> Acesso em: abril, 2018

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. A Importância da Contação de História como Prática Educativa na Educação Infantil. **Pedagogia em Ação**, Minas, v. 5, n. 1, p.54-69, 2013. Disponível em: <http://200.229.32.55/index.php/pedagogiacao/article/view/8477/7227> Acesso em: abril, 2018

MATOS, Marcela Moura. O Lúdico na formação do Educador: Contribuições na Educação Infantil. **Cairu em Revista**, Salvador - Ba, v. 2, n. 2, p.133-142, jan. 2013. Disponível em: https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2013_1/09_LUD_FOR_EDU_133_142.pdf Acesso em: abril, 2018

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. O papel do professor como mediador. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. **Corpo em Movimento na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2014. Cap. 5. p. 86-94.

PALMIERI, Marilícia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. Educação Infantil, cooperação e competição: análise microgenética sob uma perspectiva sociocultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (abrapee)**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.365-378, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n2/v11n2a14> Acesso em: abril, 2018

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 800 p.

PEREIRA, Pamela Cristina de Souza. Contação de história na Educação Infantil. **Revista - Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, v. 8, n. 2, p.935-950, dez. 2017.

PIMENTEL, Alessandra. A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, São Paulo, n. 26, p.109-133, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414-69752008000100007 Acesso em: abril, 2018

SANTOS, Josiane Soares. O Lúdico na Educação Infantil. **Fórum Internacional de Pedagogia**, Campina Grande, n. 6, p.1-16, 2012. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/artigo%20do%20forum%20%20\(jossiane%20santos\).pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/artigo%20do%20forum%20%20(jossiane%20santos).pdf) Acesso em: abril, 2018

SANTOS, Rosana Maria dos. **A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil**. 2011. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71970> Acesso em: abril, 2018

SILVA, Márcia Onísia da; GARCIA, Márcia Maria Aparecida Severino. Contação de Histórias Infantis:: Promovendo a Imaginação e o Lúdico. **Revista Elo - Diálogos em Extensão**, Viçosa, v. 2, p.51-74, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/ojs/elo/article/view/989> Acesso em: abril, 2018

SIMON, Heloisa dos Santos; KUNZ, Elenor. O brincar como diálogo/pergunta e não como resposta à prática pedagógica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.375-394, mar. 2014.

SIQUEIRA, Alexsandra. Práticas Interdisciplinares na Educação Básica: Uma Revisão Bibliográfica-1970-2000. **Etd – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 3, n. 1, p.90-97, dez. 2001. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/119020> Acesso em: abril, 2018

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza dalla. A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educare Et Educare - Revista de Educação**, Oeste do Paraná, v. 6, n. 12, p.235-249, dez. 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643> Acesso em: abril, 2018

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p.1-11, dez. 2018. Disponível em: http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/estagio_supervisionado_4/material_apoio/unidade_1-a_interdisciplinaridade_como_articulacao_processo_ensino-aprendizagem.pdf Acesso em: abril, 2018

VASCONCELOS, Laércia Abreu. Interpretações Analítico-Comportamentais De Histórias Infantis Para Utilização Lúdico-Educativas. **Humanidades em Foco: Revista de Ciência, Educação e Cultura**, v. 3, p.1-19, 2005. Disponível em: http://terra.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades_foco/anteriores/humanidades_5/textos/aprovados/educ_historias.pdf Acesso em: abril, 2018